

## **SHIN GOJIRA: FILHO DA TRAGÉDIA**

*Kleydson*

**Resumo:** neste artigo, apresenta-se uma análise do filme Shin Gojira (2016) de Hideaki Anno, constituído nos gêneros de drama e ficção científica. Esta análise se propõe a observar a retomada do personagem Godzilla enquanto história japonesa, assim resgatando o mote original do personagem, que há tanto estava inutilizado, mas ainda constatando as nuances acerca da contextualização do monstro para os tempos modernos.

**Palavras-chave:** Gojira; Godzilla; Kaiju; Japão; nuclear; monstro; filme; criatura; atômica.

## Introdução

*Kaiju*, termo japonês que poderia ser traduzido como “besta estranha” ou “monstro desconhecido”, é o nome dado ao gênero japonês de ficção que envolve monstros gigantes, tendo como precursor o filme “*Gojira*”, dirigido por Ishirō Honda e lançado em 1954. O filme de Ishirō trata do surgimento de um enorme monstro pré-histórico despertado por testes nucleares, nomeado *Gojira*, ou *Godzilla* como ficou conhecido no ocidente, a criatura leva ao solo japonês uma onda de destruição, dizimando tudo e todos em seu caminho.

A proposta de “*Gojira*” não se resume apenas à ideia de uma enorme besta milenar trazendo o apocalipse ao povo nipônico, mas sim promover uma discussão a respeito do massacre japonês sofrido pelas bombas nucleares em 1945, evento ocorrido 9 anos antes do lançamento do filme. Na época da estreia, o povo japonês vivia sob o terror da ameaça nuclear, onde, até 1952 os EUA ainda ocupavam o solo japonês em decorrência da derrota do Império Japonês ao fim da Segunda Guerra Mundial. Assim, pairava o constante temor de que era só questão de tempo até que mais uma catástrofe atômica ocorresse, “*Gojira*” foi uma metáfora, uma materialização lúdica do medo japonês.

O filme foi um sucesso, sucesso que pode ser observado ainda hoje, com o personagem tendo aparecido em mais de 30 filmes ao longo dos anos, sem contar outras produções midiáticas como mangás, quadrinhos, vídeo games e séries animadas. É interessante se atentar para o percurso do personagem de *Godzilla* (como ficou conhecido no ocidente) enquanto franquia, tendo seu primeiro filme como uma poderosa reflexão acerca do uso irresponsável da tecnologia nuclear, as produções subsequentes acabaram por abandonar essa ótica, visando apenas a representação do monstro enquanto figura de ação.

Dois anos após a película original a obra foi editada para lançamento ao mercado internacional, e, visando apelo ao público estadunidense, foi inserido na trama um personagem americano, atuando como uma espécie de protagonista, além de todas as menções ao uso irresponsável da manipulação nuclear ter sido removida do filme. A partir dessas modificações, surgiu “*Godzilla: King of The Monsters!*” de 1956, uma versão americana que buscava replicar o sucesso *kaiju* sem entender de fato o que o deixava tão aterrorizante. Conforme mais e mais produções eram feitas, dos filmes japoneses até os americanos, o personagem *Godzilla* ia perdendo o sentido de sua metáfora inicial.

Em 25 de julho de 2016 é lançado nos cinemas japoneses “*Shin Gojira*”, com direção e roteiro de Hideaki Anno e co-direção de Shinji Higuchi, dos gêneros de drama e ficção científica, mais uma retomada da história de *Godzilla*. “*Shin Gojira*” vem para recuperar o monstro como uma autêntica história japonesa, a atualizando, buscando dar uma nova cara

sem perder a essência que tornou o original tão forte. E é a partir disso que este artigo se baseia, visando analisar a obra de Anno e Higuchi e apontar de que forma conseguem honrar a proposta original e ainda assim, dar novo significado à mitologia de Gojira.

## O Olhar Trágico

Em “Shin Gojira”, não somente a história de Godzilla é repaginada como seu visual também, diferente da proposta regular quanto ao visual do monstro, um ser bípede escamoso inspirado por dinossauros, nesse filme surge diferente, pelo menos a princípio. Nos minutos iniciais do filme somos apresentados à criatura, que não possui patas dianteiras, sequer consegue se pôr de pé com as traseiras e detém uma aparência quase semelhante a de um tumor, é grotesca, com músculos expostos espirrando sangue pelo caminho (Figura 1).



Figura 1: Primeira forma de Godzilla.

Ao passar do filme, notamos essa criatura em evolução, desenvolvendo as patas dianteiras, se tornando bípede e, claro, crescer cada vez mais, ao ponto de se tornar mais semelhante às representações passadas (Figura 2).

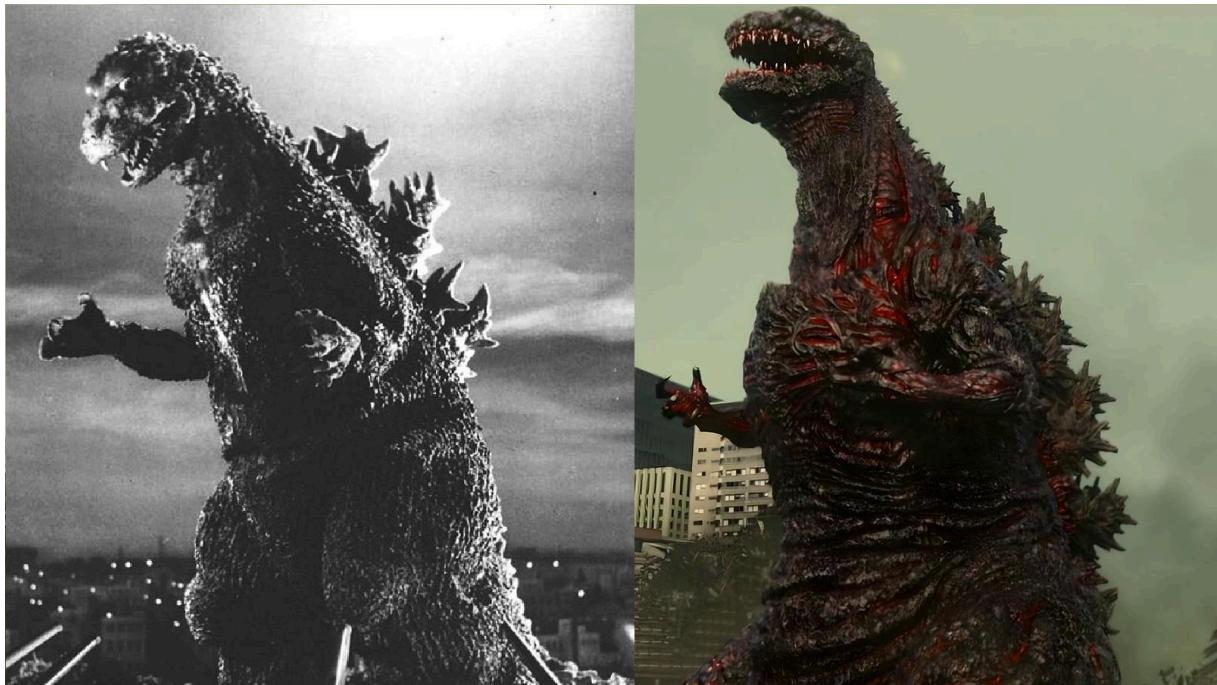


Figura 2: À esquerda, primeira concepção de Godzilla no filme de 1954; e à direita, estágio evolutivo final de Godzilla no filme de 2016.

É de se pensar na concepção que foi dada a Godzilla nesse filme, até atingir o último estágio de sua evolução, o *kaiju* apresenta uma característica em específico que a difere das outras versões, seus olhos, é claro que, devido a neste filme ser originalmente uma criatura marinho, seus olhos ajudam nessa caracterização, mas ainda assim, possui mais do que só essa finalidade. Olhos mortos que não transmitem qualquer consciência, de pupilas dilatadas, olhos eternamente abertos por não possuírem pálpebras, sua “janela da alma” escancara que a criatura não detém quaisquer intenções ou motivações (Figura 3).



Figura 3: Com destaque para os olhos inexpressivos, primeiro e segundo estágios evolutivos, respectivamente.

Pode se dizer ainda, que tais olhos conferem a Gojira uma certa inocência, sua locomoção desengonçada transparece a confusão de um ser vivo que sequer está familiarizado com seu próprio corpo. Ninguém disse melhor do que o próprio pai de Gojira: "Monstros são seres trágicos. Eles nascem muito grandes, muito fortes, muito pesados. Não são maus por escolha. Essa é sua tragédia." (HONDA, 1968, apud BARR e MUSTACHIO, 2017, p. 47-48, tradução nossa)<sup>1</sup>. Não é estranho de se pensar que Anno e Higuchi tinham este mesmo pensamento em mente quando conceberam "Shin Gojira", ao longo do filme, o sofrimento da besta é perceptível, ainda mais nas cenas de evolução, estar naquele corpo é desconfortável, é doloroso.

O primeiro estágio evolutivo do *kaiju* age como uma força da natureza, os personagens humanos reiteram a ideia, encarando a fera como uma espécie marinha não identificada, e esta é a forma que Hideaki Anno encontra para trazer a seu filme o apelo que precisava. Na cena em que o *kaiju* sobe à superfície e se arrasta pelas ruas, destruindo tudo que cruza, é nítida a referência visual que o diretor faz ao problema dos tsunamis que o Japão enfrenta, especificamente, à tragédia de 2011 em Tohoku (Figuras 4 e 5).



Figura 4: Destroços do tsunami de Tohoku. Fonte: Jornal Extra, 2011.

<sup>1</sup> No original: "Monsters are tragic beings. They are born too tall, too strong, too heavy. They are not evil by choice. That is their tragedy." (HONDA, Ishiro. Apud MUSTACHIO, Camille D.G. & BARR, Jason. **Giant Creatures in Our World: Essays on Kaiju and American Popular Culture**. McFarland & Company, 2017.



Figura 5: Cena do filme onde representantes do governo avalima os estragos causados pela passagem de Gojira.

Na verdade, toda a representação do monstro nesse filme remete a história recente de desastres no Japão, é possível perceber que conforme Gojira evolui, menos “ingênuo” fica sua aparência, e o mesmo vale para a calamidade, sai da esfera natural e adentra a humana. A narrativa acompanha essa percepção, enquanto na forma inicial os líderes japoneses encaram a criatura como um animal desconhecido, seus estragos são análogos aos do tsunami, mas ao passo que a criatura evolui e adquire habilidades atômicas, os personagens descobrem a origem de Gojira, um ser marinho que sofre mutações devido à exposição a resíduos nucleares irresponsavelmente despejados no mar. Se os impactos da forma inicial remetem aos estragos causados pelos tsunamis, a forma subsequente vem representar um desastre nuclear, assim como no desastre de 2011 no Japão, onde um terremoto de magnitude 9 abalou a costa leste do país, provocando um tsunami com ondas que chegaram até 10 metros de altura, não obstante, o tsunami não só provocou 15.853 mortes como também ocasionou no maior desastre nuclear desde Chernobyl, o rompimento da usina nuclear de Fukushima.

Uma metáfora intrinsecamente japonesa, abordando problemas japoneses mais uma vez. Transportar o personagem para outros contextos, usá-lo para outras finalidades, ou seja, adaptá-lo de qualquer outra maneira não é um problema, o problema de fato se encontra na negação do que o *kaiju* representa, esvaziando o significado que carrega. E isso, as adaptações americanas já fizeram pelo menos duas vezes.

## O Monstro Imperial

A indústria estadunidense vem tentando importar Godzilla para seu próprio cenário desde a época do primeiro filme, mas é perceptível que o maior êxito deste personagem está

na sua origem. Os EUA nunca entenderam a proposta inicial do personagem, e se entenderam, a ignoraram. Na reedição do filme de 1954, “Godzilla: King of The Monsters!”, expurgaram toda e qualquer menção aos experimentos atômicos que são parte integral não somente da história do filme, mas também da história do Japão. Poucos meses antes do lançamento da versão original, um barco de pesca japonês foi contaminado por radiação nuclear proeminente de testes de armas nucleares dos Estados Unidos, 23 homens foram expostos a radiação nesse episódio, sendo que um deles acabou falecendo em decorrência da exposição, este homem, Kuboyama Aikichi, é considerado a primeira vítima de uma bomba de hidrogênio na história. Esse evento dos pescadores se comunica diretamente com “Gojira” de 54, tendo em seus momentos iniciais uma embarcação de pescadores destruída pelo *kaiju*, mas não somente, assim como os bombardeios de Nagasaki e Hiroshima são referenciados, este evento também é. A versão americana não deixa passar qualquer uma dessas menções, “Godzilla: King of The Monsters!” nega a verdadeira face do monstro em ambos os aspectos, real e ficcional.

Não se limitando apenas a reedição de 56, o filme de 2014, “Godzilla” com direção de Gareth Edward, também maquia o berço da besta, onde o monstro é tido como uma criatura pré-histórica que havia emergido no Japão em 1954 e posto em estado adormecido com o poder de uma ogiva nuclear. Através dessa introdução, a versão de 2014 procura uma conexão com o sucesso original, mas encontra somente desrespeito ao trabalho de Ishirō Honda, removendo parte essencial da crítica japonesa, Edward apresenta um Godzilla ancestral, não mais um fruto da covardia sofrida pelo povo nipônico, ao invés das bombas nucleares despertá-lo, elas o fazem dormir. Comparando os finais de ambas as produções se percebe mais essa disparidade: no original, a besta é derrotada com sacrifício, se utilizando de uma superarma nomeada “destruidora de oxigênio”, mais poderosa do que as nucleares, seu uso é à contra gosto dos protagonistas, que terminam o filme não em comemoração com o perecer do monstro, mas sim em reflexão de tom alarmista, avisando para os perigos do surgimento de outras criaturas como Gojira caso testes com armas nucleares continuem (Figura 6).



Figura 6: Cenas finais de “Gojira” de 1954.

Em contra-partida, o fim de “Godzilla” transforma o *kaiju* num aliado, apresentando outra besta na trama (essa sim uma ameaça a humanidade) que é derrotada por Godzilla, fazendo os jornais o venderem como um possível herói ao fim da película (Figura 7).



Figura 7: Cena do filme de 2014, na televisão, em tradução livre: “Rei dos Montros - Salvador da Nossa Cidade?”.

Claro, dentre mais de 30 filmes do personagem, a versão estadunidense de Gareth Edward não poderia ser a única a trazer o *kaiju* sob essa ótica, mas é interessante como as finalidades são tão diferentes em comparação com o original, ainda mais se tendo os Estados Unidos como produtor. O país que bombardeou Nagasaki e Hiroshima vê o fruto de sua tecnologia com bons olhos, afinal, a exploração das tecnologias atômicas foi muito proveitosa, ganharam uma guerra com isso, hegemonia mundial, poder bélico sem precedentes. E essa impressão não se limita apenas ao escopo do mundo real, na ficção também é presente, quantos superheróis não nasceram da radiação? Peter Parker se torna Homem-aranha após ser picado por uma aranha radiativa, Bruce Banner se torna Hulk devido a uma bomba de raios gama, Demolidor com os dejetos radiativos, fora o Quarteto Fantástico, Dr. Manhattan, dentre outros. A cultura estadunidense enxerga a exploração das tecnologias nucleares como algo positivo, mas os japoneses não tem essa mesma visão, o que deu a Nova Iorque o amigão da vizinhança, deu a Tóquio a própria personificação da morte.

### Considerações finais

É na garantia de não cometer os erros das versões estadunidenses que o “Shin Gojira” fundamenta seu sucesso, usar de traumas recentes sem se esquecer dos passados é o que traz humanidade à essa versão do monstro.

O filme trabalha muito mais do que somente a criatura Godzilla, é mais do que um comentário sobre tragédias japonesas, trata do atual, o Japão enquanto entidade é fortemente presente na produção. Pode-se dizer que o modelo de governo japonês é um personagem à parte do filme, toda a burocracia e as pessoas que a movem são assunto na obra de Hideaki Anno e Shinji Higuchi. Mas o coração do filme ainda é o *kaiju*, e não teria como deixar de ser com tamanha força que se apresenta aqui. Gojira nunca foi tão poderoso.

No fim, o monstro Godzilla é fruto da tragédia e da ambição, produto direto do imperialismo japonês ao mesmo tempo que vítima do imperialismo americano, e o filme não deixa de lembrar disso, os EUA também são representados no filme, mais uma vez aparecendo como uma força bélica, que não enxerga outra maneira de derrotar o monstro a não ser com poderio nuclear. Mas felizmente, o desfecho do filme parte de mãos japonesas, são eles quem se negam a deixar que outro bombardeio como esse ocorra sob o Japão, são eles quem encontram uma maneira mais inteligente de se vencer a criatura, no fim eles encontram uma maneira de congelá-la, assim a neutralizando. Se “Gojira” de Ishirō Honda terminava quase melancolicamente, com um alerta para o despertar de outras bestas, o filme de 2016 assume uma postura mais otimista, levantando a ideia de ter que se lidar com a

presença da criatura na sociedade, é necessário conviver com o trauma (Figura 8), mas claro, sem abandonar o tom de alerta se utilizando de uma possível última evolução de Gojira como take final (Figura 9).



Figura 8: Sequência final de “Shin Gojira”.



Figura 9: Último shot de “Shin Gojira”, apontando um estágio evolutivo não concretizado no decorrer do filme.

A relação entre esse monstro trágico com seu mote original, o da ameaça nuclear, não pode ser ignorada, mesmo que adaptada para outro contexto, e “Shin Gojira” entende bem isso. É parte da caracterização do personagem, um espaço que somente esse personagem pode ocupar, uma representação verdadeiramente japonesa, reflexo do outro lado da moeda do avanço tecnológico nuclear. Se Oppenheimer é o pai da bomba atômica, Gojira é o filho.

## Referências bibliográficas

GOJIRA. Direção: Ishirō Honda. Produção: Tomoyuki Tanaka. Intérprete: Haruo Nakajima, Akira Takarada, Momoko Kōchi, Akihiko Hirata, Takashi Shimura et al. Roteiro: Takeo Murata e Ishirō Honda. Fotografia de Masao Tamai. Japão: Toho, 1954.

GODZILLA: King of The Monsters!. Direção: Ishirō Honda e Terry O. Morse. Produção: Tomoyuki Tanaka. Intérprete: Raymond Burr, Haruo Nakajima, Akira Takarada, Momoko Kōchi, Akihiko Hirata, Takashi Shimura et al. Roteiro: Takeo Murata, Ishirō Honda e Terry O. Morse. Fotografia de Masao Tamai. EUA: Jewell Enterprises Inc., 1956.

GODZILLA. Direção: Gareth Edwards. Produção: Thomas Tull. Intérprete: Aaron Taylor-Johnson, Ken Watanabe, Elizabeth Olsen, Bryan Cranston, Juliette Binoche, Sally Hawkins et al. Roteiro: Max Borenstein. Fotografia de Seamus McGarvey. EUA: Warner Bros. e Legendary Pictures, 2014.

SHIN Gojira. Direção: Hideaki Anno e Shinji Higuchi. Produção: Minami Ichikawa. Intérprete: Hiroki Hasegawa, Yutaka Takenouchi, Satomi Ishihara, Ren Osugi et al. Roteiro: Hideaki Anno. Fotografia de Kosuke Yamada. Japão: Toho, 2016.

MUSTACHIO, Camille D.G.; BARR, Jason (ed.). Giant Creatures in Our World: Essays on Kaiju and American Popular Culture. [S. l.]: McFarland, 2017. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1tE3DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=kaiju+meaning&ots=M8q5oO5x9g&sig=kvX1gUioe8lwvw\\_UlOasw4hl1Eo#v=onepage&q=kaiju%20meaning&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1tE3DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=kaiju+meaning&ots=M8q5oO5x9g&sig=kvX1gUioe8lwvw_UlOasw4hl1Eo#v=onepage&q=kaiju%20meaning&f=false)>. Acesso em: 11 de dez. de 2023.

OCCUPATION and Reconstruction of Japan, 1945–52. **Office of the Historian**, [S.d.]. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1945-1952/japan-reconstruction>>. Acesso em: 11 de dez. de 2023.

GOJIRA (1954). **Atomic Heritage Foundation**, 14 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://ahf.nuclearmuseum.org/ahf/history/gojira-1954>>. Acesso em: 11 de dez. de 2023.

FISCHER, Howard. Making radiation visible: Hiroshima, Nagasaki, and Godzilla. **Hektoen International**, [outono de 2022]. Disponível em: <<https://hekint.org/2022/11/23/making-radiation-visible-hiroshima-nagasaki-and-godzilla>>. Acesso em: 13 de dez. de 2023.

BROOKINS, Erin. How the Americanized Version of the Original 'Godzilla' Film Missed the Whole Point. **Collider**, 8 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://collider.com/godzilla-king-of-monsters-why-its-bad>>. Acesso em: 13 de dez. de 2023.

YAM, Kimmy. 'Godzilla' was a metaphor for Hiroshima, and Hollywood whitewashed it. **NBC News**, 07 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/asian-america/godzilla-was-metaphor-hiroshima-hollywood-whitewashed-it-n1236165>>. Acesso em: 14 de dez. de 2023

TOHOKU Earthquake and Tsunami. **National Geographic**, 01 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://education.nationalgeographic.org/resource/tohoku-earthquake-and-tsunami>>. Acesso em: 14 de dez. de 2023.

KATSUDA, Keno. How Shin Godzilla reframed the traumatic events of 3.11. **Little White Lies**, 12 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://lwlies.com/articles/shin-godzilla-3-11-nuclear-disaster-fukushima/>>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

MONTEIRO, Paulo Filipe. Fenomenologias do Cinema. **Revista de Comunicação e Linguagens 23**, O que é o cinema?, 1996, Edições Cosmos, Lisboa, pgs 61-112. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-paulo-filipe-fenomenologias-cinema.pdf>>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

SIMÕES, Rogério. 10 anos de Fukushima: o dia em que o Japão foi atingido por terremoto, tsunami e acidente nuclear. **BBC News Brasil**, 10 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55943220>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

THOMSON, Alex. Minamisanriku: Japan's tsunami-hit ground zero. **Channel 4**, 14 de mar. de 2011. Disponível em: <<https://www.channel4.com/news/minami-sanriku-japans-tsunami-hit-ground-zero>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

IMAGENS da destruição após o terremoto no Japão. **Extra**, 14 de mar. de 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/mundo/imagens-da-destruicao-apos-terremoto-no-japao-1306956.html>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

HARRIS, Sonia. Committed: My Favorite Radiation-Induced Superheroes. **CBR**, 16 de mar. de 2011. Disponível em: <<https://www.cbr.com/committed-my-favorite-radiation-induced-superheroes>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

LEA, Robert. Superheroes, science and Stan Lee. **Probeta Magazine**, 09 de dez. de 2018. Disponível em: <<http://www.probetamagazine.com/en/superheroes-science-and-stan-lee>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

ARAUJO, M. Negociações do real entre a fenomenologia e a filmologia. **Faces da História**, v. 9, n. 1, p. 245-264, 27 jun. 2022. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2275>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

AUMONT, J. Pode um Filme Ser um Ato de Teoria?. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6684>>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.